

LACAN: COMENTÁRIOS

Durval Mazzei Nogueira Filho¹

1. Psicanalista
e professor do
Departamento
Formação em
Psicanálise

No fim de tudo, abre-se uma janela de dois batentes mesmo à minha frente, no alto da abóboda: penetra por esta abertura uma torrente de luz mais ofuscante que a do sol; surge depois uma cabeça de camelo tão horrorosa no tamanho como na forma: eram sobretudo diz orelhas que eram desmesuradas. O odioso fantasma abre a boca com um tom de voz em tudo conforme ao resto da aparição, pergunta-me: *Che Vuoi?*”

(*O diabo enamorado*, 1772)

Jacques Cazotte

Aviso

Este texto que apresento aos senhores consiste em uma série de escritos que serviram de introdução a um conjunto de seis conferências efetuadas de maio a novembro de 1993, patrocinadas pelo curso “Formação em Psicanálise”. Tais conferências visavam apresentar a psicanalistas um panorama da obra de Jacques Lacan.

Introdução

Eu não canso de me surpreender ao escutar analistas comentando que Lacan é mais complexo e mais difícil que os outros formuladores em Psicanálise. Mais que Freud, Klein, Bion ou Laplanche. Por vezes procuro decifrar esta afirmação; outras vezes negá-la ou, ainda, acatá-la. Quando a nego, digo que eu não entendo Melanie Klein. Quando a acato, fico quieto. Quando tento decifrar, lembro-me da obra de Freud construída sem disfarçar uma preocupação com a clareza e a compreensibilidade mas sem alcançar este objetivo. Freud não teve como evitar os impasses, cortes e fraturas. E, digo mais, se o claro se opõe e substitui o impasse e o compreensível está oposto e substitui o corte e a fratura, o analista trilha a senda da peste sanada. A relação (topo) lógica entre estes signos no mínimo não pode ser simétrica. E assim meu ato decifrador fica sem

resposta, resta perguntar por onde anda a obra freudiana. Obra impossível de ser lida por um espelho plano.

Não obstante, não é uma tarefa fácil transmitir Lacan, como de resto a própria Psicanálise. Não há nenhum grupo ou associação psicanalítica que ao falar em transmissão não fale em análise pessoal, algo inexistente em qualquer outro setor do pensamento ocidental. Apenas concordo que Lacan não facilitou. Seja pelo recurso estilístico pouco simples; seja pelo convite ao estudo de outros saberes (lingüística, lógica); seja pela transmissão fundamentalmente oral de um texto que não é exatamente uma carta comercial. Há um trabalho em estabelecer a forma escrita — os Seminários — a partir de gravações e estenografias.

E creio que não há discordância sobre as diferenças entre a fala viva e a cristalização desta na escrita. Não se resolve isso facilmente no campo lacaniano. Para que tenham uma idéia, um chamado Fenneteux fundou uma associação preservando o ensino falado de Lacan. E como se isto não bastasse, correm edições piratas dos seminários e, como soa óbvio, uma não é rigorosamente igual à outra. E, duplicando a obviedade, um grupo é o detentor legal do estabelecimento para os olhos do que foi feito originalmente para o ouvido.

Hoje, inicio esta série de apresentações mensais em torno da questão institucional em Lacan. Lacan, como outros, foi um crítico atroz dos procedimentos reinantes na International Psychoanalytic Association (IPA). Posso citar Balint e Winnicott como psicanalistas que não obedeceram cegamente aos ditames institucionais e, cada um à sua maneira, procura manter a marca de independência. No entanto, os desdobramentos de suas posições não tiveram as consequências que brotaram a partir de Lacan. Da mesma forma, Lacan não foi o único psicanalista a ter contra si a instituição psicanalítica. Jung, Meltzer e mesmo Lagache, companheiro de Lacan na saída da Sociedade de Psicanálise de Paris (SPP) e na criação da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), a tiveram contra si. Com consequências radicalmente distintas. Jung abandonou princípios básicos. Meltzer e Lagache não deixaram, que eu saiba, marcas teóricas nos fundamentos da disciplina psicanalítica.

Não foi o caso de Lacan. A fundação da Escola Freudiana de Paris (EFP), fora da jurisdição da IPA, e o ensino que Lacan permaneceu proferindo não pôde ser considerado “isso não é psicanálise”, como ocorreu com o ensino e a Sociedade de Psicologia Analítica de Jung. A Psicanálise atual está irremediavelmente manchada pelas palavras de Lacan. Mesmo naqueles que não se dizem lacanianos, seja lá o que significa “ser Lacaniano”.

Antes de mais nada, mais uma palavrinha introdutória. No seu movimento inaugural de retorno a Freud, Lacan foi inclemente com os “comentadores” da obra freudiana e recomendava barulhentemente a leitura do texto original. Eu estou aqui neste lugar mal falado: o do comentador da obra alheia. Acreditem em mim só um pouco. E paguem o preço da leitura dos textos lacanianos. Não obstante, eu aqui estou no lugar de quem ensina. A esse respeito, no encerramento do congresso da EFP de 1970 Lacan fala que o discurso analítico leva o analista que ensina “à posição de analisante” e a não produzir “nada de maitresable”. Aí está uma palavra que condensa os termos maitre (mestre) e maitrisable (controlável). Como interpretar esta frase de Lacan? O analisante interroga-se sobre o enigma, o não sabido, sobre o Real; assim posto deduzo a possibilidade, de ao ensinar dizer algo novo tal e qual o analisante, que faça sentido, tirando o ser de Lacan do lugar do mestre. E isto seria desejável. Não obstante, posso aplicar uma interpretação inversa que preserva o lugar de mestre de Lacan, mestre enlutado que vê seu ensino estraçalhado de maneira indevida sacando que não tem o controle de quem o ouve. E já que Lacan morreu...

E afinal em quê Lacan colaborou para a questão institucional psicanalítica? Respondo por partes. 1) demonstrou que o saber psicanalítico não tem dono, ao denunciar que a letra de Freud estava deturpada pelos transmissores do texto freudiano encastelados na IPA e ao indicar a trilha para a leitura do lógico e do original Freud. 2) deixou indicações sobre a continuação do ensino da Psicanálise no interior de uma Escola e não obliterou a possibilidade dela ser continuada por via independente, exercida por analistas desinstitucionalizados mas reconhecidos pelos seus pares. 3) acabou com a figuração do (ana) lista didata. 4) introduziu as funções Analista Membro da Escola (AME) e Analista da Escola (AE), em um con-

texto onde a noção de “gradus” substitui a noção comum de hierarquia. AE e AME não são lugares aonde se chega após cumprir certos desígnios mantendo este título para o resto de sua vida. Esta nomeação é válida enquanto uma produção a sustenta. 5) desenvolveu o cartel, reunião de quatro sujeitos que se dedicam ao estudo de temas analíticos comprometidos a uma produção teórica ao final de um período previamente determinado. Estes quatro não são orientados por um analista “mais sábio”. Não se trata de um grupo de estudos. 6) procurou desenvolver o dispositivo do “passé” como uma maneira de averiguar se o discurso analítico têm sido transmitido pelas análises pessoais. 7) permitiu que instituições como esta em que falo, o Departamento “Formação em Psicanálise”, sejam consideradas “dentro” da Psicanálise, ao invés de conviverem com a pecha duêndica e cósmica de “formação alternativa”. 8) há mais...

A PALAVRA A FALA A LINGUAGEM

Começo com uma afirmação: o trabalho psicanalítico é antes de tudo um trabalho de linguagem. Um trabalho com o lixo da linguagem; o mal-entendido, o sonho, o ato falho. Freud insistiu nestas formações. Nem todos os outros psicanalistas seguiram esta saga. Não é o caso de Lacan. Lacan retomou o fundamento da Psicanálise na fala e na linguagem, redefinindo sua função e seu campo. Isto torna o trajeto lacaniano marcado por especificidades sobre as quais advirto a partir deste momento. Portanto, não é qualquer lingüística que se presta ao pensamento de Lacan, nem qualquer Freud, nem qualquer epistemologia. Isto que digo tem um cheiro de heresia para aqueles que consideram Lacan o enunciante de uma verdade absoluta. Eu prefiro continuar a aconselhar que Lacan executou a melhor leitura de Freud, a reveladora da originalidade freudiana.

Que epistemologia então é esta? Que noção de linguagem é esta? Que formação do humano está aí implícita e explícita? Escolho um ponto para começar. Há que se constatar que a linguagem e a realidade não são superpostas. Que os existentes na linguagem não são iguais, nem simétricos, nem unívocos aos existentes na realidade. São ordens autônomas, que guardam certas relações

referenciais, relações marcadas por arbitrariedades. Indico que o conceito de sobredeterminação, as peripécias das representações no sonho e a estupefação de Freud perante a liberdade do signo nas psicoses, estupefação que não cansamos de assistir quando nos metemos a analisá-los, são pontos fundamentais da psicanálise que não são acessíveis teoricamente com um conceito de linguagem distinto do proposto. Empunhando este conceito é necessário rever a formulação do humano. É possível e desejável continuar propondo um ego como centro do ser? Um ego desprovido de representações, são e forte, que domine os efeitos da linguagem que aparecem chamado de super-ego e id? Um ego, portanto, fora da linguagem e senhor dela? Não, diria Lacan. Há que se constatar que a Psicanálise, desde Freud, enuncia que o ego é justamente aquilo que não está no centro. Não esqueçam da linha hereditária na qual o fundador se imiscuiu: o sistema solar de Copérnico, a evolução de Darwin e o sujeito de Freud. Sujeito que Lacan afirmou que não está fora do discurso, que ao invés de dominar os efeitos da linguagem, é por eles produzido. Distante de qualquer especularização e em posição de enunciação, mas não no lugar do Gênese. Submete-se à ordem autônoma da linguagem. Lacan ilustra este movimento em várias passagens de sua obra, notadamente no seminário “A carta roubada”, em torno do conto de Allan Poe. Decorre disto um rompimento radical com a ordenação positivista da linguagem e da Ciência. Não há mais uma realidade e um sujeito consciente a codificá-la com olhares e nomes. Mas sim um sistema, o sistema da língua, determinando o sujeito que segue a sina de conferir significações possíveis a um Real que insiste em escapar e mostrar sua face de enigma freqüentemente aterrador.

Com a função de contraponto cito dois autores. Ambos psicanalistas pós-freudianos e não-lacanianos. Inicialmente cito David Liberman, autor de “A comunicação em Psicanálise”. São dois trechos: 1) “A encodificação diz respeito ao desempenho lingüístico do analista, permitindo que ele escolha dentro do universo infinito de significantes verbais, os que melhor se adequem ao estado do analisando. Assim, a interpretação formulada correrá o menor risco possível de ser distorcida pelo último. Possuir boa encodificação pressupõe uma certa capacidade de ir-se adequando ao analisando cada vez que ele escuta uma interpretação”. Apesar dos termos refe-

rentes à Teoria da Comunicação e à Linguística, o trecho é absolutamente não lacaniano. Está aqui explícito que há uma possibilidade — desejável — de controlar a emissão verbal, acreditando Liberman que “o Todo” a ser significado encontra-se já estabelecido no momento da enunciação da frase que será dirigida ao analisante e que a língua é exclusivamente um instrumento ao dispor do aparelho psíquico e ao dispor da boa vontade e habilidade do emissor da mensagem. Deriva dessa exposição, que o autor considera que a distorção, o ruído, o mal-entendido são elementos a serem banidos do momento analítico e não elementos fundamentais e constituintes do ocorrer intra-sessão. Um comentáriozinho a mais: o universo de significantes nunca é infinito e nem mesmo incontável, se considerarmos as letras (fonemas), a menor unidade da cadeia falada. A citação 2) vem corroborar o que digo: “Assim as repressões patogênicas se expressam por lacunas na memória, por inibições na capacidade de sentir, pensar e verbalizar, como consequência de uma interferência entre sistemas e estruturas do aparelho mental. À medida em que estas são solucionadas por meio da técnica interpretativa, restabelece-se a comunicação que o paciente tem com seu passado, processo que envolve um restabelecimento na capacidade de perceber e transmitir ao terapeuta sentimentos e emoções e um incremento na capacidade de pensar”. Comento: e a harmonia da unidade encontrada permanecerá una e feliz para o resto da infinita eternidade. Ainda bem que Liberman chama-se de “terapeuta” pois promete o final do Inconsciente...

Carregando na tinta da diferença, cito Horacio Etchegoyen autor de “O diálogo psicanalítico” artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise. 1) “Minha prática clínica dos últimos vinte anos...leva em consideração as dificuldades de comunicação na sessão...e preparo-me para que surja o mal-entendido, não só como efeito colateral delas (as interpretações) mas também pelo desejo inconsciente de torcer o sentido do que se disse...O mal-entendido é pois a resultante da distorção que operam tanto o analisando como o analista nesse diálogo sutil em que os dois estão comprometidos”. Há aqui uma repetição que visa exorcizar o mal dito que desloca completamente o eixo da análise, pois implica na crença em uma verdade inteira que corre por fora das formações do inconsciente, dado que, segundo Etchegoyen, o desejo inconsciente vem “torcer” e não revelar!!! 2) “o

que devemos fazer quando estamos com o analisando é oferecer-lhe hipóteses concretas e nada ambíguas à espera de que as apoie ou as refute...Deste ponto de vista poderíamos dizer que a empatia do analista consiste em devolver ao paciente o que a rigor lhe pertence sem outra intenção que a de informá-lo. Se permitirmos algo mais que transmitir conhecimento já estaremos em falta..." Jogo com o duplo sentido da palavra "falta", erro e carência, imputando à frase de Etchegoyen o sentido que aí não está — o sentido de carência — para avisar a todos que o analista está sempre em falta e não tem que informar ninguém sobre conhecimento nenhum pois o que se joga no "diálogo analítico" são as condições da enunciação e a abertura à verdade — meia verdade carregada pelo mal dito — e não uma troca de palavras entre dois sistemas fechados e completos, cujo trabalho "difícil" é acertar as palavras certas e sem "ambigüidade". Lembro o Freud dos Sonhos que indica a palavra como destinada ao equívoco.

Finalizo com uma advertência: o multiverso lacaniano contém um furo, um furo perene, um enorme buraco negro. Há significantes que faltam: A mulher, A relação sexual, O analista.

É isto! Seguir Lacan com um código lingüístico que não é o espelho das coisas e da natureza, apesar de utilizá-las como suporte. E sem o horizonte da totalidade.

O INCONSCIENTE

Desta vez inicio com uma questão do nosso último encontro. Como a ouvi, foi posta em suspeição a proposição "potência combinatória". Esta proposição refere-se a uma qualidade de qualquer sistema de comunicação. Uma propriedade da articulação significativa do código e que, a rigor, não depende da intromissão do sujeito, do ego, do eu, e de deus. O que me foi objetado indicava algo assim como se o código e sua potência só existissem enquanto um sujeito a sustentasse. Eu reafirmo aqui e agora que não. Justifico-me lembrando, por exemplo, dos restos da civilização maia. Absolutamente ninguém duvida que naqueles monumentos estão mensagens estruturadas e significativas e, no entanto, não há um vivo que saiba o que aquela combinação de traços potencialmente signifique. Pressupomos que um sujeito deixou lá essas marcas. Mas ele não as



inventou. Manipulou-as e, apenas pressupomos que ali reinou uma representação-meta voluntária. Mas, diria Freud, que nem sempre é assim. A representação-meta pode muito bem não possuir a marca voluntária... Da mesma maneira, em alguns livros escritos com pouca inteligência, traços de nossos antepassados têm o destinatário certo: os extra-terrestres. No Peru, dizem eles, em um resto de uma civilização pré-colombiana, a quinhentos metros de altura, vê-se um desenho ou algo parecido a uma forma humanóide ou a um conjunto de sinais que vagamente sugere um campo de pouso. Potência combinatória automática e involuntária não dizem que é, outro mistério também não. Mas uma mensagem dirigida a naves espaciais que teriam feito turismo no lindo azul 3º planeta da estrela 1414x. Um outro argumento, este foi citado por Lacan, refere-se ao episódio da decifração dos hieróglifos egípcios. Trabalho executado por alguém, Champolion, sobre a única matéria prima disponível: — a pedra da roseta. Não havia nenhum ancião egípcio que o ajudasse no processo decifrador. Portanto, uma materialidade — os traços ou, se quiserem, os significantes — e a propriedade de relacionarem-se entre si produzindo significados, metáforas e sujeitos. Após esta exposição de motivos, eu faço, então, uma pequena torção na proposta que discuti dizendo que o sujeito, de fato, não é responsável pela sustentação do código. Seguindo Lacan, ele é bem mais produto da potência combinatória da rede de traços significantes. Mas que sem o sujeito, as significações é que ficariam ao vento. Palavras, desenhos, calores, pedras, classificações botânicas e tudo o que pode ser significado não encontraria quem os decifrasse. O ato falho não teria tido o destino que teve se o ouvido de um sujeito, Freud, não o advertisse. Esta torção não faz mais do que retomar a minha primeira palavra na última apresentação. Um ponto que a psicanálise de inspiração lacaniana mantém definido é: não há sujeito anterior à linguagem.

Revelo a vocês o seguinte: não estou de forma alguma preocupado em fazê-los acreditar em mim ou na teoria que represento. Só os espertos assim vêem e é um não-tolo que vocês lêem. Presumo, sim, que quem tem vindo ouvir-me aqui pretende entender, seja lá o que “entender” signifique, algo de Lacan. E sem essa informação: “não há sujeito anterior à linguagem”, tal façanha não se faz possível. Da mesma forma, as lingüísticas de inspiração pragmática e positivista

não são as que Lacan usou. Citei aqui dois psicanalistas, Liberman e Etchegoyen, que as utilizam. O problema é deles. Não sou menos psicanalista que eles se passo ao largo do positivismo nas minhas imprecisões. Afinal, Freud fascinou-se também pelo credo positivista. Não obstante eu digo, seguindo Lacan, que o ato analítico não é uma pragmática da comunicação e que tais lingüísticas não dão conta dos impasses da comunicação que constituem momentos importantes da circunstância analítica. Estas lingüísticas nada sabem do ato falho, do lapso, das lacunas e da arbitrariedade. E, digo mais, a noção de sujeito que retomo, se esclarece uma série de pontos obscuros da psicanálise, inaugura um campo para outros problemas. É ingênuo pensar o contrário: "aí está a solução, nada resta a fazer". Aponto a vocês que no texto "A subversão do sujeito" Lacan emparelha o sujeito a - 1 que é um número que pode ser apresentado mas não calculado, revelando-se, assim, toda a sua dimensão de enigma.

Além de esclarecer, argumentar e procurar efeitos, insisto nesse ponto pois não há como falar do Inconsciente em Lacan sem a referência a um sujeito do inconsciente. Se há ou não esta referência em Freud não é a questão. Mas, há. Releiam a "Interpretação dos Sonhos", lá está a referência ao sujeito. Se não na palavra de Freud, em notas agregadas ao texto. Lá estão citações de Lynkeus e a de um comentário amigo que privilegia o aspecto "chistoso do sujeito do sonho". E, ademais, retornar a Freud, em Lacan, nunca significou repetir automaticamente o que disse o mestre. Mas revelar uma tessitura, uma rede lógica.

Pois então, além de situar o sujeito no inconsciente, Lacan visa manter a bagunça que a Psicanálise instaurou na unidade do ser. Lacan procura driblar as armadilhas que foram postas no trilho da nossa disciplina. São elas: as proposições que visam engrandecer o Ego e torná-lo autônomo, as proposições que fixam no inconsciente uma verdade já significada que pode vir a ser capturada em um saber obturador, todas as ortopedias psíquicas e as proposições que imputam ao inconsciente mais do que representações. Se há núcleo no inconsciente, ele é da ordem do não-realizado. Mais pulsação que muro. Mais estrutura lógica que segredo. Mais sexo, no que este aponta ao corte e à falta, que tendência latente.

E, insisto nisso, o conceito de sujeito em Lacan em nada implica em uma segunda consciência, em um duplo do ego, em um self com vocação plenipotenciária. É uma construção de outra ordem. Enquanto o ego precipita-se, constrói-se na relação com a imagem; o sujeito é um efeito da ordem significante. Aparece para desaparecer no instante seguinte não sendo abordado pelas categorias comuns do pensamento psicológico e referindo-se exclusivamente aos significantes que o representam. Não esqueçam: o significante é o que representa um sujeito para outro significante. Aí, neste interstício, o sujeito pulsa.

O ATO ANALÍTICO

É um tema de apresentação delicada. Lacan foi especialmente ácido ao falar sobre a prática analítica de determinados estilos analíticos. Notadamente, os grandes farejadores, perdigueiros da psicanálise, que se põem a escutar com o nariz. Os intuitivos, que analisam com o sexto sentido, com o terceiro olho, em busca de algo a quem da palavra. Os intimistas, que dirigem a análise como um ato secreto a dois. Os normativos, que sabem o que é melhor para o outro. Os oniscientes que lutam para permanecer no lugar do saber todo o tempo de duração de uma análise. Os didatas da IPA, que teorizaram o fim da análise na identificação ao ego de uma personalidade sadia, a deles mesmos. Os adaptativos, preocupados com o sucesso social (analisas-prozac). Caso não se coloquem em nenhuma dessas posições, Lacan os aprovaria. As frases de Lacan, cuja enunciação parece ofensa, são claramente dirigidas a tais perspectivas analíticas.

É claro que o dito nas apresentações anteriores é subsídio para hoje. Lacan denomina a associação livre como o significante em ato bem em acordo com o que ensina sobre o sujeito e sua subordinação à linguagem. Da mesma maneira, não põe o acento da análise nas explicações e construções — sem que as desdenhe — procurando apagar do ato analítico seus dotes psicológicos e fazendo valer mais o efeito da fala e da linguagem (em sua possibilidade de eficácia simbólica) em sua imprecisão do que a engenhosidade de uma explicação concreta. Nesta linha, busca a surpresa de uma intervenção inesperada, *pari passu* ao ato falho do analisante, ambos como efeito da circulação do significante a furar os corpos de analista e analisante mas não como diriam os politicamente corretos: somos aqui em análise

dois iguais. Não há possibilidade do analisante e analista ocuparem posições iguais ou simétricas, como o ser e sua imagem no espelho, tendo como superfície refletora o saber do Outro. Mas, um sujeito produzido ora sim, ora não, sem traços ou tendências que o caracterizem, tentando assumir as significações que brotam das incessantes metonímias do discurso a cada vez que apontam — metaforicamente, o desejo e seu objeto. É aí nesta outra ponta que o analista estará. Destinatário desta fala, no início como aquele que sabe e no meio como simulacro do objeto causa de desejo e no fim, um dejetivo.

Destaco também que o viés analítico de Lacan não visa transformar o inconsciente em consciente pela via de um mais saber capturável e armazenável em uma caixinha de duas divisões: as bolas vermelhas representam o que eu não sei, as brancas o que sei. Mas, sim, uma articulação de tempo, posição e lugar mediada pela fala. Para Lacan, não é o ego que deve tomar conta do inconsciente, aqui definido como um lugar de linguagem que produz um sujeito. Mas o contrário. É o sujeito das formações do inconsciente que deve estar em posição de poder ser escutado, de poder falar. E não vai falar tudo. Dizemos a verdade-meia. Isto traz consequências. É a falta-a-ser, é a impossibilidade de recuperar a união com o objeto, objeto que insiste em escapar e, quando se mostra, mostra-se em seus elementos parciais é o que movimenta a fala em análise. Para além da verdade concebida como um saber acabado no inconsciente. E, para repetir, o inconsciente não é o que atrapalha o bem viver do ego. Mas, uma dimensão constituinte que fala nos buracos do ego que se pretende organizador e sintetizador. Não esqueçam que o ego nasceu no jogo de especularização. O inconsciente no jogo da linguagem. E eles podem até brigar e conflitar mas nunca em posições simétricas. Desde a própria origem, foram produzidos em ordens distintas que co-habitam.

E o inconsciente revela-se apenas no momento em que alguém se dirige a alguém. Espera-se que um destes desempenhe a função do analista. Para escutá-lo e nesse sentido, fazê-lo existir em seus efeitos. É nesse viés, que se conceituam os termos transferência, desejo do analista e produção do inconsciente pela presença do analista.

E não falei do tempo lógico. E, vou fazê-los destinatários de uma confissão: apenas agora me dei conta que, apesar do falatório geral, a

introdução da noção de tempo lógico não é a contribuição fundamental de Lacan à administração de uma análise. Posso formular rapidamente esta noção falando que implica no tempo transcorrido até que uma proposição lógica se verifique a ponto de “reduzir o momento de concluir o tempo para compreender a durar tão pouco quanto o momento do olhar”. A aplicação deste “novo sofisma” à sessão analítica — apesar de presente nos momentos iniciais da formulação lacaniana (1945) — é uma consequência óbvia do seu ensino. Não antecipar o tempo de duração de uma sessão analítica inclui a surpresa, a impossibilidade de previsão do surgimento de uma formação do inconsciente e o reconhecimento que a ordem significante não obedece à cronologia habitual. Quem quiser continuar pensando que se trata de uma “lacanagem”, que continue. Mas algo pode ser dito no contexto político da Psicanálise. Lembro-me de um enunciado de um destacado analista que passou pelo “Psicoterapia e Psicopatologia Psicanalítica (PPP)”. Foi durante as supervisões contratuais que ouvi, não só uma vez, que caso o analista se atrasasse 5 minutos ele deveria dizer ao analisante que estes 5 minutos lhe seriam devolvidos. Senão hoje, na sessão vindoura. E eu conto nos dedos, pois quando possível observei, quantas vezes meu relógio estava absolutamente acertado com o de meus analisantes, com a Jovem Pan e o largo São Bento ao mesmo tempo. É isto que no campo político a noção de tempo lógico vem abafar. O analista ser pago pela sua presença e não pelo seu fazer. Além da pressa ser precipitante da surpresa.

O REAL O SIMBÓLICO O IMAGINÁRIO

Chego à quinta apresentação desta série incomodado pela marca do fracasso. Fracasso que leio na constante redução do número de participantes pertencentes ao “Formação em Psicanálise”. Na última apresentação foi maioria quem já me ouve em outro lugar e portanto o que posso ensinar a respeito da Psicanálise e, em particular, do trabalho inovador e difícil de J. Lacan. Se a falha foi minha, eu não peço desculpas pois, desde abril, desenvolvo um trabalho de jumento para apresentar estas falas. Salva-me o benefício que me trouxe a revisão cronológica e temática dos textos de Lacan, o que me proporcionou articular pontos que meus estudos anteriores não haviam permitido. E como eu não me reponsabilizo pelo ouvido alheio, creio que, nesse sentido, o placar exhibe um suado empate. Reafirmo também a impressão que a obra de Lacan não seja, de fato, para todos e

que, talvez, a intenção de tê-lo como um formulador psicanalítico a mais não seja o suficiente para manter a transferência necessária que seu estudo exige. Pois, se Lacan retornou a Freud, e isto é inegável, não o fez para repeti-lo. O fez para iluminar o que há de original na Psicanálise, como mostra a leitura de Lacan à frase “Wo Es war, soll Ich werden”. Caso queiram continuar lendo que tal frase significa que o Eguinho inicial vai virar Egão ao final da análise, as estrelas não vão despençar do firmamento e nem a nova era glacial nos tornará frios. Simplesmente, vocês não seguirão a trilha que aponto aqui. Pois, se Lacan retornou a Freud, e isto é inegável, ele terminou por fundar conceitos que — na verdade, são novos. E foram os conceitos que evitei trabalhar até hoje. Em minhas falas anteriores evitei a topologia, a lógica, os matemas, optando por uma versão discursiva. Referi-me apenas ao algoritmo da transferência, ao esquema L, aos algoritmos da metáfora e da metonímia que não são os mais difíceis e guardam semelhanças com os esquemas feitos por letras de significação precisa.

Não obstante, hoje trabalho alguns elementos que Lacan introduziu: o nó borromeano, o Real, o Simbólico, o Imaginário e, se tivermos tempo, o objeto a.

A psicanálise lacaniana não está centrada em torno da segunda tópica freudiana e não vai descrever os fenômenos psíquicos em termos de censuras superegóicas, moções energéticas libidinais e papel julgador da realidade do ego. Para Lacan, a segunda tópica não é o essencial da Psicanálise. E, faço notar, isto não quer dizer que nada de mais importante foi dito após o enunciado do Id, Ego e Super-ego. O que Lacan pretende indicar é que estas construções são o efeito da retroação do Inconsciente concebido como estruturado por linguagem sobre a estrutura do sujeito. Tais instâncias só podem ser descritas depois que a significação, efeito do Inconsciente, tenha exercido sua função. E, desta forma formulado, Lacan, sem necessariamente substituir o sistema freudiano, desenvolveu o que caracterizou como os três registros essenciais da realidade humana: o Real — aquilo que escapa; o Imaginário — a satisfação possível e o Simbólico — lugar de reconhecimento.

Lacan vai buscar no estudo lógico-matemático dos nós — o alvo-receber da matemática egípcia — a maneira de representar esses três registros: o nó borromeano. Este nó tem a estrutura composta por três anéis articulados de tal forma que o desfazer de um implica no desfazer dos outros dois. Lacan, portanto, insiste na equivalência funcional dos elos entre si: o nó borromeano inscreve a homogeneidade dos três registros. Friso isto pois é comum ouvir como crítica a Lacan que há o privilégio de apenas um aspecto do ser, o Simbólico, deixando de lado outras questões. Não resta dúvida que Lacan iniciou seu trabalho privilegiando o Simbólico e a determinação da estrutura da linguagem, do parentesco, do acasalamento, dos mitos e das lendas que cercam o nascimento de um sujeito e o permite falar. Lacan afirmou que uma análise se desenvolve toda no nível da linguagem, revitalizando a função decifradora, definindo-a como o tratamento do Real pelo Simbólico. Mas, não há ingenuidade nestas formulações. O outro lado é o friso de Lacan ao que escapa, ao que repete, à semi-verdade, ao impossível, ao que retorna sempre ao mesmo ponto. Aí fala-se do Real. A consistência do Imaginário e a satisfação — sexual — possível são vistas como essenciais quando ausentes: nas estruturas psicóticas. Desta forma, pontuando Lacan no cruzamento de suas formulações é revelada a equivalência dos três registros, obscurecendo o tom reducionista da crítica discutida. Peço que se recordem que neste texto, mais atrás, enfatizei que com a noção de “sujeito”, Lacan não pretende caracterizar um outro Ego mais verdadeiro.

Em relação ao objeto a, apenas uma frase: é uma construção lógica que implica na colocação de um novo termo à teorização a respeito da satisfação sexual, do gozo. É um objeto não especularizável, não empírico que situa-se na posição de causa do desejo, distinguindo-se do objeto alvo do desejo. Como causa, o objeto a aponta ao sujeito seu furo, sua falta e, como causa, move o sujeito a buscá-la: a satisfação.

OS QUATRO DISCURSOS

Chego à última apresentação. E, espero, que minhas falas tenham servido como introdução ao pensamento de Lacan. Rogo para que este curso tenha sido tão útil a vocês como foi para mim. Eu já desconfiava

que a melhor maneira de aprender é dispor-se a ensinar. Há, sem dúvida uma exigência super-eugóica em sair-se bem, mas o sentido desta afirmação vem da subversão do impossível ato de ensinar, se o orientamos no vetor do discurso analítico. O analisante desempenha, concomitantemente, as funções da ignorância e do saber.

É a respeito do discurso analítico e de outros três discursos matematizados por Lacan; a saber, o discurso do Mestre, o Universitário e o Histérico que versa a apresentação de hoje. Como ocorreu da última vez, estaremos às voltas com mais uma produção própria de Lacan. Não houve um outro analista que tenha teorizado os três registros da realidade humana em Real, Simbólico e Imaginário. E também não foi outro que procurou precisar as modalidades de discurso que regem a posição do fale-ser. Lacan chegou aos quatro acima citados. É minha pretensão, além de caracterizá-los, demonstrar que não há arbitrariedade na construção dos discursos e que não poderiam ser mais do que quatro. E é pretensão de Lacan que o proposto por ele rompa as barreiras do gueto psicanalítico. Tanto é que Lacan no seminário onde desenvolve os quatro discursos (XVII, o avesso da psicanálise), visa intervir no rescaldo da manifestação operário-camponesa-estudantil do emblemático ano da graça de 1968. São freqüentes suas referências ao capitalismo, a Marx, ao conceito marxista de mais-valia ao qual traça paralelos com o mais-de-gozar (o objeto a de sua álgebra). Afirma-se um simpatizante do movimento contestatário e ao mesmo tempo não se considera um homem de esquerda. Mais um detalhe a apimentar sua passagem pela cultura francesa e mundial. E o homem que dizia esperar mais do funcionamento do que das pessoas, quer que os quatro discursos funcionem. Que sejam testados nos campos filosófico e epistemológico e que se avalie sua consistência. Juranville, um filósofo, vai em satisfação a Lacan e diz "os quatro discursos que havíamos distinguido a partir do questionamento filosófico correspondem exatamente aos quatro discursos de Lacan". E equivale ao discurso do Mestre, o metafísico; ao discurso da Histérica, o empirismo; ao discurso Universitário, o filosófico; e reservou ao discurso do Analista a revelação do inconsciente. E sigo, citando Lacan: "Não digo que isto seja a alavanca de Arquimedes. Não digo que isto tenha a menor pretensão de renovar o sistema do mundo, nem o pensamento da História. Indico apenas de que modo a análise nos põe em condições de receber, pelo acaso dos encontros, um certo

número de coisas que podem parecer esclarecedoras”. Não dá para não notar a seqüência de negações na frase de Lacan. Mal esconde a intenção de que seja exatamente o contrário, o que negou. Intenção presente em Lacan e, de resto em qualquer dos psicanalistas. Intenção de que aquela “coisa” que começou onde o naturalismo emergente no século XIX falhava tivesse conseqüências. O que há com aquelas mulheres? Elas não têm nada!!! E convulsionam, engravidam, paralizam-se, cegam-se e dizem que nada é com elas. Indiferentes e belas, causando desejo. Aquela coisa que começou com isso logo foi falar dos homens, do sexo, da Cultura. Aquilo que se passava numa situação aparentemente íntima — o gabinete do Dr. Freud — não cansou de produzir conseqüências públicas. O Édipo serve como referência à entrada do ser natural do homem na rede significante da cultura. Frazer sugeriu uma lei, Freud o citou, Levi-Strauss o encampou e Lacan ressaltou o recalque do gozo. Moisés, Da Vinci, Hamlet tornaram-se objeto dos estudos analíticos. Em cada página escrita, em cada produção da cultura, em cada rito iniciático a psicanálise poderia intervir. E intervir falando algo que, se não diz a totalidade e nem a completude — isto é indesejável!! — aponta a manifestação do sujeito em sua hiância designando nesta fenda que há causa ao desejo. Se os analistas renunciam então à enunciação do total, do completo; não renunciamos a falar sobre o que escutamos. E não incitamos o outro ao silêncio. O nosso ato implica num pedido de fala. Incitamos a que negue, repulse, concorde e produza algo novo. Mais uma palavra. Foi, ou é, nossa intenção criar algo novo no homem. Lacan fala assim: o discurso do Analista não produz nada mais que o discurso do Mestre e talvez seja do discurso do Analista que possa surgir um outro estilo de significante-mestre. Grandioso e revelador de pretensões abismais. Falamos da ciência, mas o desejo do cientista é que queremos que caia no nosso ouvido. Falamos da filosofia, mas é o desejo do filósofo que nos interessa. E se denunciarmos a sua fantasia, a sua causa, designamos uma produção. Ressalto, em letras maiúsculas, que a Psicanálise e o desejo do psicanalista também não escapam a este furor produtor de dejetos. O discurso do Analista está aí para causar vertigem em nós praticantes da análise também.

E, finalmente, como já citei, Lacan espera muito das letrinhas com as quais escreve os quatro discursos. Quais letras? S_1 (significante-mestre), S_2 (o saber inconsciente), $\$$ (sujeito dividido)

e a (objeto causa de desejo). Ele, com elas, pretende escrever o Real. Propõem que estão lá, ou deveriam estar, na borda Simbólica que roça o Real. Trazendo com elas o poder das letrinhas de Newton, $F=ma$, e de Einstein, $E=mc^2$; e revelando que quando a linguagem fracassa, o Real emerge, e aí se escreve. Escrevem-se matemas, algoritmos, fórmulas. Assim Lacan gostaria de ver suas letrinhas. Fazendo sentido para todo o psicanalista que exerça a clínica. Então, S_1 , a representação do traço unário que vem conferir uma marca da Cultura que torna o homem distinto do ser apenas vivo tornando-o apto a perverter o instinto; S_2 , a rede de significantes de onde vem o outro significante — creio que variável — que em conjunção com S_1 , produzem o $\$$ e deixando cair o a . $\$$ que representa a divisão do sujeito pela ordem da linguagem e impõe a condição de sujeito não psicologizável e analfabeto, ligado a um objeto fundamentalmente perdido — o a , produzido como dejetos na mesma operação que alienou o sujeito na linguagem e que aí ficará, como um encosto, a causar desejo ao sujeito até o último nanossegundo de sua inefável e estúpida existência.

Que esta coletânea de introduções os leve a ler Lacan.

Endereço para contato com o autor:

R.Almirante Pereira Guimarães, 298 - Pacaembú - São Paulo
05012-000 Fone: 62 - 5716